

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

## OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES NAS CIDADES NOVAS PLANEJADAS DO NORTE DO PARANÁ E SUAS UNIDADES DE PAISAGEM.<sup>1</sup>

Rego, Renato Leão; Beloto, Gislaine Elizete e Meneguetti, Karin Schwabe  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Estadual de Maringá  
rlrego@uem.br; gebeloto@uem.br; ksmeneguetti@uem.br

### Resumo

Este artigo discute a conformação da malha urbana e a distribuição dos espaços livres projetados em sete cidades novas planejadas do Norte do Paraná. Estas cidades, fruto de uma iniciativa de colonização privada, tinham em comum um projeto urbano adaptado ao sítio e a localização criteriosa de seus espaços livres e edifícios institucionais, os quais estruturavam o espaço urbano garantindo legibilidade e identidade a cada cidade. Entretanto, as áreas de expansão posterior não mantiveram as características formais positivas da cidade original. Ao mapear e analisar as unidades de paisagem urbanas (ou, em termos Conzenianos, as regiões morfológicas), este estudo morfológico cognitivo revela a diminuição da qualidade ambiental durante a evolução das novas cidades do Norte do Paraná e salienta o papel fundamental desempenhado pelos espaços livres nas formas urbanas iniciais.

**Palavras-chave:** morfologia urbana, unidades de paisagem, paisagem urbana, planejamento, cidades novas.

### Abstract

*This paper discusses the shaping of the urban form and the distribution of open spaces in the planned new towns of Northern Paraná. Due to a comprehensive town planning initiative within a private land-speculation enterprise, northern Paraná new towns originally comprised urban tissues intentionally adapted to the site along with judicious location and layout of open spaces, which structured the urban form and guaranteed legibility and town identity. However, later expansion areas did not maintain the positive formal characteristics of the original town layouts. By mapping and analyzing the current and varied townscapes (or, in Conzenian terms, the morphological regions), this cognitive morphological study reveals the decrease in environmental quality during*

---

<sup>1</sup> Este texto foi elaborado a partir de uma comunicação apresentada no 18<sup>th</sup> International Seminar on Urban Form (ISUF) realizado em Montreal, Canadá, em agosto de 2011.

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

*the evolution of Northern Paraná new towns and stresses the fundamental role played by open spaces in those initial urban forms.*

**Key words:** Urban morphology, landscape unity, urban landscape, planning, new cities.

## INTRODUÇÃO

A morfologia urbana permite compreender a estrutura geral das cidades, sua gênese e evolução através da análise sistemática dos seus elementos constituintes (Conzen, 2004; Kropf, 2009; Whitehand, 2001; Rego e Meneguetti, 2011). Uma abordagem morfológica seminal é aquela que se detém em componentes básicos da forma da cidade: o traçado urbano, o padrão de uso do solo e a tipologia edificada. Estes componentes permitem distintas combinações que resultam em diferentes unidades de paisagens ou, na definição de Conzen (2004), regiões morfológicas. Estas unidades da paisagem configuram áreas com certa homogeneidade em relação à combinação dos componentes da forma urbana ao longo do tempo, descrevendo, assim, os processos e as distintas fases de formação e evolução da cidade.

A partir da noção de região morfológica como parte do tecido urbano, sete cidades implantadas no norte do Paraná entre as décadas de 1940 e 1950 foram estudadas neste trabalho. As cidades analisadas – Jandaia do Sul, Mandaguari, Marialva, Sarandi, Paiçandu, Mandaguaçu e Maringá – fazem parte de uma região com aproximadamente 690.000 habitantes. Com a análise destas sete cidades, distintas unidades da paisagem foram reconhecidas em cada uma, dependendo da variação do traçado urbano, do uso do solo predominante e de certa diferença tipológica.

Originalmente planejadas, as paisagens urbanas das cidades do norte do estado do Paraná chamam a atenção para dois aspectos em particular: 1) as áreas dos projetos iniciais não apenas apresentam paisagens distintas em termos de identidade e legibilidade (Lynch, 1999), mas também contêm substancialmente o maior número de espaços livres públicos; 2) estes espaços livres atuaram na estruturação e qualificação da paisagem destas cidades (Rego et al, 2010) e são responsáveis pela qualidade ambiental ainda presente em tais porções urbanas. Assim, em relação a dimensão, configuração e posição dentro da mancha urbana, os espaços livres são elementos chave nestas cidades novas planejadas do norte do Paraná. Nesse sentido, este trabalho entende que os espaços livres não deixam de ser uma categoria qualitativa dentro do conceito de região morfológica estabelecido por Conzen (2004) mas, acima de tudo, são potencialmente capazes de instituir melhorias da paisagem nas cidades estudadas.

## O PLANO ORIGINAL E OS ESPAÇOS LIVRES

As cidades novas de Mandaguari (1938), Marialva (1940), Jandaia do Sul (1942), Mandaguaçu (1944), Sarandi (1947), Maringá (1947) e Paiçandu (1948) fazem parte de uma rede de

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

assentamentos urbanos implantada com a colonização sistemática do norte do estado do Paraná iniciada em 1925. Como já pudemos expor em outra ocasião, esta colonização foi parte de um empreendimento privado estrangeiro de especulação fundiária, levado a cabo pela empresa subsidiária brasileira chamada Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) e continuado depois da liquidação desta empresa, em 1944, por sua sucessora, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). Como estratégia de assentamento de pequenos agricultores, a colonizadora das terras implementou a construção de uma ferrovia coordenada com a construção de cidades próximas e interligadas, além de uma densa rede de estradas rurais. Esta urbanização deliberada foi responsável pela construção da paisagem regional marcada por cidades implantadas no espigão e interligadas pelas linhas de cumeada (Rego, 2009; Rego et al, 2010; Meneguetti et al, 2011b).

Os espaços livres públicos desempenharam, inicialmente, o papel de protagonistas no estabelecimento da forma urbana. Estes espaços, designados pelas praças – a da estação e a central-, pelo campo de esportes, pelo cemitério e, eventualmente, por parques, não eram resíduos das áreas parceladas e destinadas às edificações, como se viu mais tarde nas sucessivas franjas urbanas criadas com a expansão destas cidades (Figura 1). Eram áreas reservadas a priori: ‘aberturas’ iniciais no tecido urbano em construção que responderiam pela esfera da vida pública. Em torno deles acomodar-se-iam as principais edificações públicas e, juntos, espaços livres e edifícios públicos responderiam como referência espacial na trama destas cidades em formação. Portanto, os espaços livres deram sentido à organização da forma e da vida urbana nestas cidades novas planejadas. (Meneguetti et al, 2011b)

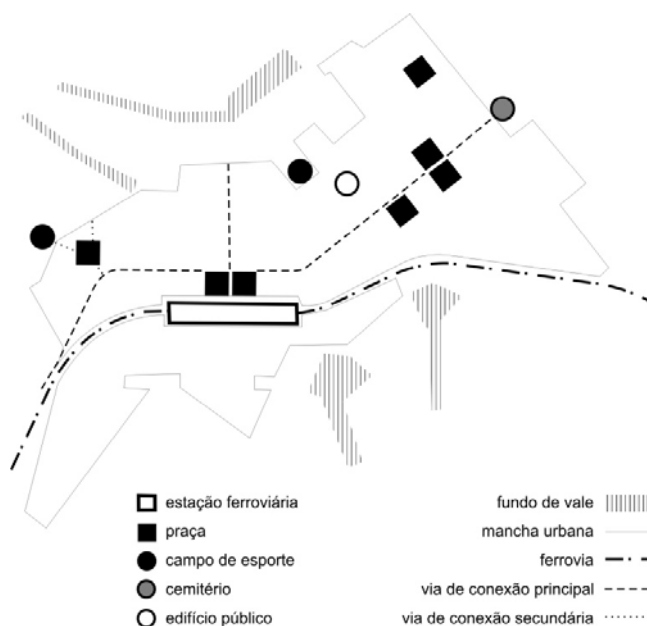


Figura 1 – Mandaguari, esquema dos espaços livres no plano original.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

A partir da década de 1970, as cidades do norte paranaense passaram por um processo de expansão devido ao êxodo rural proveniente da mecanização da agricultura, principal base econômica da região até aquele momento. De acordo com o IPARDES (1995), a zona rural que até então era local de moradia e trabalho passou a ser apenas local de trabalho. A proximidade entre as cidades fez com que se constituísse uma mancha urbana única em que a rodovia, elemento regional de conexão, tornou-se também o principal vetor de expansão das cidades próximas a Maringá. A verticalização, a rápida expansão urbana, a especulação imobiliária e o aumento populacional de Maringá também repercutiram na densa ocupação ocorrida na periferia das cidades vizinhas. Nestas áreas provenientes da expansão urbana não se observa aspectos relevantes na constituição da forma e da paisagem urbana. Na verdade, os lotes rurais originalmente implantados na faixa retangular recortada entre o fundo de vale e as estradas que se situavam no divisor de águas da bacia hidrográfica foram simplesmente subdivididos em uma retícula ortogonal (Figura 2). Isso quer dizer que o modelo basicamente adotado no parcelamento praticado dessas áreas de expansão foi a grelha, e o caráter do espaço público originalmente implantando nestas cidades foi esquecido. Deste modo, o traçado destas cidades e o padrão de uso do solo foram modificados. Com efeito, grandes unidades de paisagem apareceram revelando imagens urbanas padronizadas com baixa qualidade ambiental (Meneguetti et al, 2011b).



Figura 2 – Maringá, 1980. ITCG. Notem-se, ao norte da cidade, os lotes retangulares definidos entre o córrego e a estrada rural

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

Com isso, as áreas de expansão constituíram paisagens bastante distintas daquela encontrada na forma urbana originalmente implantada. A diferença de qualidade ambiental e urbana entre os projetos iniciais e as áreas de expansão é expressiva.

## **UNIDADES DE PAISAGEM**

Estas particularidades na produção do espaço urbano derivaram em áreas com características diversas por todas as cidades. Aspectos como parcelamento do solo, relação entre áreas edificadas e áreas livres e tipologia das edificações resultaram em unidades (regiões morfológicas) encontradas repetidamente em todas as cidades estudadas. Deste modo, dez unidades de paisagem foram registradas neste estudo<sup>2</sup>. As duas primeiras referem-se exclusivamente à cidade de Maringá; por conta da singularidade do projeto urbano desta cidade, há uma maior compartimentação da paisagem. As outras oito repetem-se em todas as cidades analisadas (Figura 3).

---

<sup>2</sup> As Unidades de Paisagem aparecem também no Livro QUAPA-SEL , no artigo “Espaços Livres e Paisagem na Mancha Urbana de Maringá”.

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

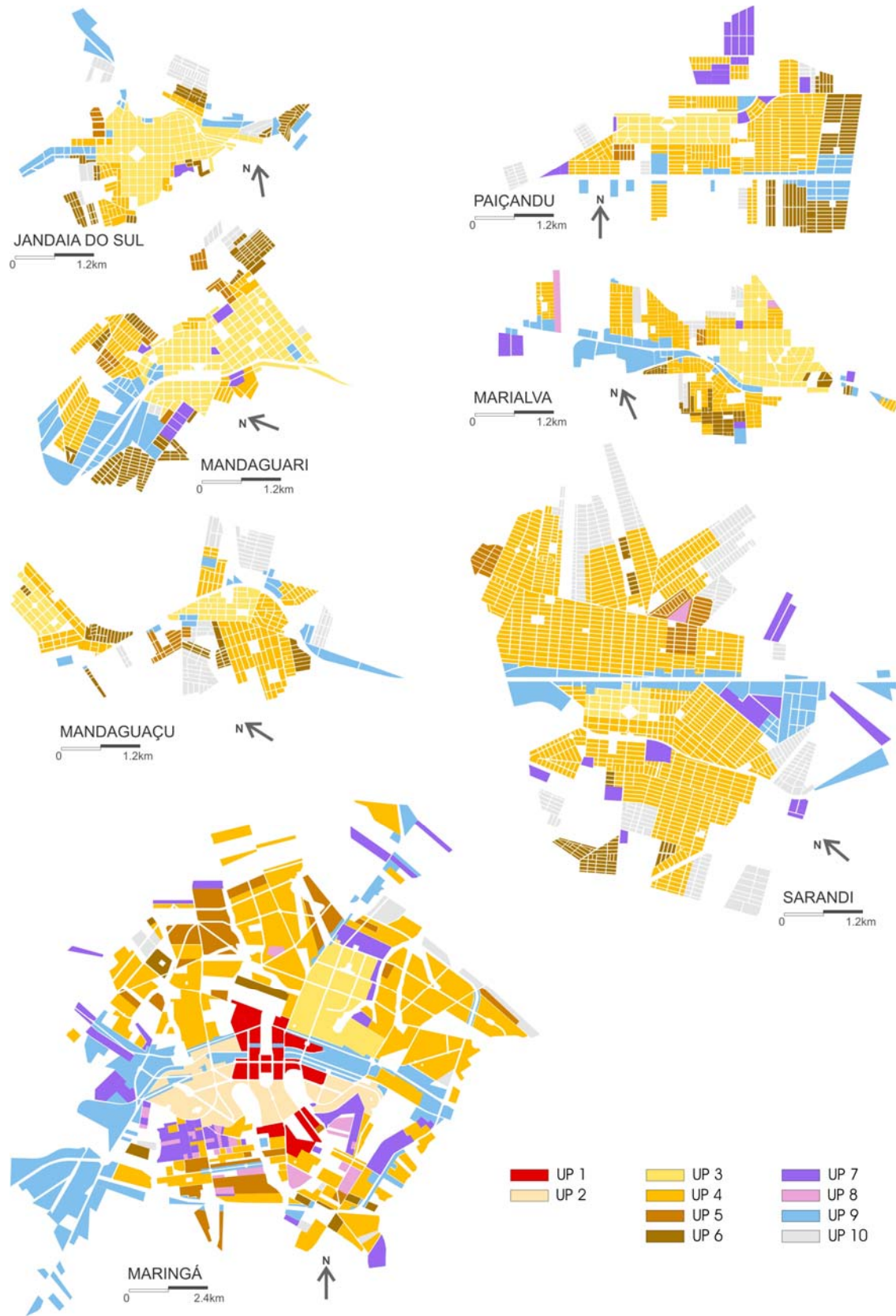


Figura 3 – Unidades de paisagem.

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 1

A Unidade de Paisagem 1 corresponde à área central da cidade de Maringá e a algumas áreas residenciais adjacentes, cuja alteração de ocupação permitiu edifícios de, em média, 15 pavimentos. O traçado urbano é regular e ortogonal, com quadras de aproximadamente 1 hectare. As vias, de grandes dimensões, têm passeios e canteiros centrais fartamente arborizados. É esta arborização de acompanhamento viário que exerce fator decisivo na imagem da cidade e na legibilidade urbana, uma vez que a individualidade das vias é reforçada com a composição de distintas espécies arbóreas e diferentes ciclos de floração.

As quadras são densamente ocupadas, e a qualidade ambiental destas áreas é dada pelos espaços livres públicos, seja o sistema viário, sejam as praças e parques, os quais garantem a exuberância da paisagem urbana e a qualidade estética da cidade. (Meneguetti et al., 2001b).



Figura 4 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 1.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 5 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 1.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 2

A Unidade de Paisagem 2, assim como a anterior, também é restrita à cidade de Maringá. Refere-se às áreas residenciais do projeto original, cujo traçado, derivado dos princípios formais da cidade-jardim (Rego, 2001), foi adaptado ao sítio e conforma vias curvas de dimensões compatíveis com a arborização. A arborização de acompanhamento viário, por sua vez, vigorosamente desenvolvida, forma verdadeiros túneis verdes ao longo das ruas e avenidas. A ocupação é caracterizada por residências unifamiliares em lotes de aproximadamente 600 m<sup>2</sup>. Em menor número, encontram-se os edifícios e os usos comerciais, principalmente ao longo das avenidas. Juntamente com vias, os espaços livres dados pelas praças e parques são responsáveis pela qualidade estética e ambiental destas áreas (Meneguetti et al., 2001b).

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011



Figura 6 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 2.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 7 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 2.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 3

Esta Unidade de Paisagem representa o núcleo inicial das cidades menores e é também responsável pela individualidade urbana. Limita-se às áreas projetadas e implementadas pela companhia colonizadora. O traçado urbano é singular devido à adaptação ao sítio e à estratégia de planejamento para a localização dos espaços livres e das edificações de uso público em pontos-chave a fim de criar identidade e legibilidade nestas cidades novas, como já discutido em trabalhos anteriores (Rego et al., 2004 e Rego e Meneguetti, 2006). Em Maringá, esta unidade inclui áreas do primeiro período de expansão urbana (1950-1960).

Em geral, os lotes têm 450m<sup>2</sup> em média e são ocupados por residências térreas unifamiliares, raramente em dois pavimentos. As ruas e os passeios têm dimensões adequadas ao porte das cidades, arborizadas, com raros lotes ainda não ocupados. Os espaços livres são menores que aqueles encontrados nas unidades anteriores, mas ainda mantêm uma relação importante com a forma urbana.



Figura 8 – Jandaia do Sul, 2010. Unidade de



Figura 9 – Mandaguari, 2010. Unidade de



# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

paisagem 3.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a

paisagem 3.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 4

Esta unidade corresponde ao segundo período de expansão urbana de Maringá e ao primeiro período de expansão das demais cidades. O traçado urbano padronizado produziu bairros residenciais muito semelhantes nas cidades e entre elas, com ruas indistintas e poucos espaços livres públicos. Geralmente, o arruamento não respeita as conformações do sítio, respondendo ao aproveitamento máximo das parcelas urbanas com quadras retangulares e ruas estreitas. Os lotes são menores, com 300m<sup>2</sup> no caso de Maringá, e 250m<sup>2</sup> nos outros dois casos, e estão ocupados, em sua maioria, por residências uni ou bifamiliares (Meneguetti et al., 2001b).



Figura 10 – Marialva, 2010. Unidade de paisagem 4.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 11 – Sarandi, 2010. Unidade de paisagem 4.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 5

A Unidade de Paisagem 5 representa as áreas residenciais resultantes do mais recente período de expansão urbana. O traçado urbano, o sistema viário e os espaços livres reproduzem as mesmas características da Unidade de Paisagem 4, sem, no entanto, a mesma presença da arborização urbana. Os lotes, de 300m<sup>2</sup> de área, são subdivididos e ocupados por duas edificações geminadas e muitas vezes assobradadas, sem espaços livres intramuros, exceto os pequenos recuos frontais. A paisagem resultante é um contínuo edificado sem espaços livres nas quadras (Meneguetti et al., 2001b).

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011



Figura 12 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 5.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 13 – Paiçandu, 2010. Unidade de paisagem 5.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 6

Muito adensada, esta Unidade de Paisagem é representada por longas quadras retangulares, lotes diminutos, ruas estreitas e praticamente nenhum espaço livre público. Ela se diferencia das outras unidades de paisagem por não apresentar recuos nem vazios intramuros. Ruas estreitas e calçadas de largura mínima cerceiam a arborização viária e uso de pedestres, formando áreas de textura distinta na trama urbana, como pode ser comparado através da imagem de Paiçandu, na Figura 15. (Meneguetti et al., 2001b).



Figura 14 – Mandaguaçu, 2010. Unidade de Paisagem 6.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 15 – Paiçandu, 2010. Unidades de paisagem 4 e 6.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 7

A paisagem caracterizada por esta unidade é bastante distinta das demais uma vez que ela é conformada por chácaras: grandes lotes privados destinados ao lazer ou a alguma pequena

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

atividade agrícola. Muitas destas chácaras compunham o cinturão verde que limitava os projetos originais das cidades e acompanham os córregos e nascentes. Apresentam pouca edificação, em geral de pequeno porte, e grandes áreas permeáveis, com vários portes de vegetação. São responsáveis pela permeabilidade do solo urbano e a presença de massas vegetais em meio ao tecido edificado. Em Maringá, mais recentemente, estas áreas, por sua geometria, dimensões e localização próxima ao centro urbano, têm sido transformadas em condomínios horizontais (Meneguetti et al., 2001b).



Figura 16 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 7.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 17 – Sarandi, 2010. Unidade de paisagem 7.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 8

Os condomínios residenciais horizontais correspondem a uma Unidade de Paisagem específica, caracterizada por longos muros que isolam lotes maiores que o padrão e espaços livres privados relativamente grandes. Afortunadamente, em Maringá uma medida de planejamento suavizou o impacto negativo destes condomínios na cidade. Por força legal, os condomínios devem ter os lotes do perímetro da quadra abertos às ruas adjacentes; com isso, os muros dos condomínios são menos visíveis na paisagem urbana, como pode ser visto na Figura 19. De início, estes condomínios ocuparam as áreas das chácaras (Figura 18); recentemente eles têm aparecido também nas zonas de expansão urbana. Aqueles empreendimentos nas cidades menores usam como argumento comercial a proximidade à cidade pólo. Essa paisagem apresenta grandes áreas de espaço livre privado, caracterizando uma ocupação de edificações de tamanho médio, geralmente implantadas no centro de grandes lotes (Meneguetti et al., 2001b).

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011



Figure 18 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 8.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figure 19 – Maringá, 2009. Unidade de paisagem 8.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 9

A Unidade de Paisagem 9 é formada pelas áreas de uso industrial ou de estocagem, ocupadas por galpões e barracões cuja principal característica é a ocupação plena do lote e ausência de espaços livres públicos. Particularmente nos lotes que margeiam as rodovias ou vias de maior circulação, estas edificações criam uma paisagem fechada, densa, formando paredões de construções, característica de áreas de comércio (Meneguetti et al., 2001b).



Figura 20 – Maringá, 2010. Unidade de paisagem 9.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 21 – Paçandu, 2010. Unidade de paisagem 9.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## UNIDADE DE PAISAGEM 10

Trata de áreas de urbanização recente com ocupação do solo ainda incipiente e inconsistente tecido urbano. O padrão de ocupação insinuado parece ser similar àquele visto nas unidades 4 e 5. Por conta de sua pouca ocupação, esta Unidade de Paisagem garante certa qualidade

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

ambiental em termos de espaços livres, mas aí não parece haver sido dispensado o cuidado apropriado com o planejamento e a conformação de áreas públicas (Meneguetti et al., 2001b).



Figura 22 – Mandaguáçu, 2010. Unidade de paisagem 10.

Fonte: Meneguetti et al., 2001a



Figura 23 – Sarandi, 2010. Unidade de paisagem 10.  
Fonte: Meneguetti et al., 2001a

## CONCLUSÃO

As unidades de paisagem elencadas em sete cidades novas planejadas do norte do Paraná revelaram variada qualidade ambiental, como possivelmente pode ser encontrado nas cidades brasileiras. A conjugação do traçado urbano, padrão de uso do solo e tipologia das edificações, em contraste com o projeto original destas cidades e particularmente com as características dos espaços públicos nele presentes, possibilitou não apenas a identificação de paisagens homogêneas na mancha urbana como também a avaliação qualitativa em relação aos espaços livres públicos e privados. Isso permitiu apontar estruturas potenciais à requalificação urbana.

Partindo do princípio de que, nos projetos originais de cada cidade estudada, os espaços livres não eram apenas espaços vegetados ou largas vias de circulação, mas eram elementos estruturadores da forma urbana, a recuperação do papel histórico de praças, parques e estruturas naturais e antrópicas poderia reconstituir a singularidade urbana e a identidade regional das cidades, além de requalificar a paisagem e prover de espaços livres vegetados e de lazer e recreação algumas unidades de paisagem, tais como as UP 4, 5, 6 e 10, esta última ainda em formação.

As estruturas antrópicas históricas e as estruturas naturais, embora esmaecidas, ainda estão presentes nas manchas urbanas. A ferrovia, principal eixo de estruturação da rede de cidades do norte do Paraná, ainda persiste como elemento de ligação entre os núcleos urbanos. Constitui um corredor de conexão importante se consideradas suas faixas adjacentes, as quais penetram nos centros urbanos. Utilizá-la como transporte de passageiros, além de responder ao fluxo pendular entre cidade pólo e cidades periféricas, pode requalificar os centros urbanos em torno das estações e recuperar o papel histórico destes espaços livres públicos. As linhas de fundo de vale assumem, nas cidades vizinhas a Maringá, o papel de limites da paisagem urbana, porém

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

alheias ao tecido. A implantação de parques urbanos poderia equacionar a distinção entre as diversas unidades de paisagem. A continuidade de tais estruturas como áreas de proteção ambiental conformaria ainda corredores de conexão direta entre cidades, estruturas verdes vicejantes no plano regional.

Algumas porções da Unidade de Paisagem 9, principalmente aquelas cujas edificações industriais ou armazéns tinham vínculo com a linha férrea, encontram-se em princípio de abandono. Essas áreas, que já despertam o interesse do capital imobiliário devido a dimensão dos lotes e a localização quase sempre central em todas as cidades e principalmente em Maringá, deveriam fazer parte de um plano estratégico de expansão e requalificação urbana. Tendo como diretriz os espaços públicos, tais áreas de projeto poderiam suprir carências encontradas nas porções urbanas referentes aos últimos parcelamentos.

Outra potencialidade, dessa vez prevista por Meneguetti (2009) para Maringá, porém com possibilidades de extensão às demais cidades, é o estabelecimento de corredores verdes, de caráter ecológico, proveniente da arborização de acompanhamento viário, em vários níveis.

Apesar de a ocupação regional ter se dado de modo bastante peculiar, com uma prática valiosa tanto na escala regional como na escala urbana, com espaços livres públicos funcionando como elementos estruturadores da paisagem, a expansão das cidades não observou os mesmos princípios. O desconhecimento das qualidades dos projetos originais aliado à busca pela maior rentabilidade do solo fizeram das áreas de expansão uma grelha contínua com elevada taxa de ocupação dos lotes. Mesmo assim, a paisagem nestas áreas em muito se difere das paisagens das áreas periféricas das grandes manchas urbanas do Brasil, seja pela tipologia das edificações, ou dimensões das vias e dos lotes, ou mesmo regularidade do traçado, ou tudo isso junto. Entretanto, ainda em comparação às paisagens dos projetos originais, as demais áreas de expansão careceram das intenções urbanísticas originalmente aqui encontradas.

## REFERÊNCIAS

- Conzen, M. R. G. *Thinking about urban form. Papers on urban morphology, 1932-1998*. Bern: Peter Lang, 2004.
- IPARDES. *Encontro paranaense para a Habitat II: assentamentos para o século XXI: a criação de um novo cenário - resultados e recomendações*. Curitiba: IPARDES, 1995.
- Kropf, K. *Aspects of urban form. Urban Morphology*, v.13, n.2, 2009. P. 105-120.
- Lynch, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Meneguetti, K. S. *Cidade jardim, Cidade Sustentável. A estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá*. Maringá: EdUEM, 2009.
- Meneguetti, K. S. et al. Considerações sobre o sistema de espaços livres de Maringá. In: 5 Colóquio Sistemas de Espaços Livres, 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FAUUSP, 2010.
- Meneguetti, K. S. ; Rego, R. L. ; Beloto, G. E. ; Silveira, A. M. da . Open spaces as structuring element of urban form in Northern Parana New Towns. In: 18th International seminar on

# COLÓQUIO QUAPA SEL 2011

- Urban Form, 2011, Montreal - Canadá. The Eighteenth International Seminar on Urban Form - Papers. Montreal - Canadá : Concordia University, 2011. [www.isuf2011.com](http://www.isuf2011.com)
- Meneguetti, K. S. et al. Espaços livres e paisagem na mancha urbana de Maringá. In: *QUAPA-SEL Livro 2* São Paulo: FAUUSP, 2011- no prelo.
- Rego, R. L. O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade-jardim. *Acta Scientiarum*, v.23, n.6, p.1569-1577, 2001.
- Rego, R. L. et al. Reconstruindo a forma urbana: uma análise do desenho das principais cidades da Companhia de Terras Norte do Paraná. *Acta Scientiarum*, v.26, n.2, 2004. P.141-150.
- Rego, R. L. e Meneguetti, K. S. A forma urbana das cidades de médio porte e dos patrimônios fundados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. *Acta Scientiarum*, v.28, n.1 , 2006. P. 93-103.
- Rego, R.L. *As cidades plantadas. Os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná*. Londrina: Humanidades, 2009.
- Rego, R. L.; Beloto, G. E.; Meneguetti, K. S. e Silveira, A. M. da. O papel estruturador dos espaços livres nas cidades projetadas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. In: 10 ENEPEA, 2010, Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre : ediPUCRS, 2010.
- Rego, L. R. e Meneguetti, K. S. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. *Acta Scientiarum Technology*, v.33, n.2, 2011. P. 123-127.
- Whitehand, J. W. R. British urban morphology: the Conzenian tradition. *Urban Morphology*, v.5, n.2, 2001. P. 103-9.

## AGRADECIMENTOS

À SETI / Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná e ao MCT / CNPq pelo financiamento das pesquisas que originaram este artigo.